magazinephilos

54
JUNHO / JUNE
2015

AND / YEAR XIV



EDIÇÃO BILINGUE O BILINGUAL EDITION WWW.PHILOS.PT

Questões da qualidade Quality issues
Crónica de Carlos Castilho Pais Chronicle by Carlos Castilho Pais
Passatempo For fun
Tradumática Tradumatics
Álbum de Fotografias Photo Album
Impressões de viagem Travel musings









.....

Contra a Corrente Stagainst the Current

Rutura

Disruption

4

Questões da Qualidade & Quality Issues

Tradutor ou Revisor? - o futuro da tradução / Translator or Proof-reader? - the future of translation

"... da Ocidental praia lusitana" * "... from the Western lusitanian shore" Portugal dos Pequenitos

,... |----,

Em português 💝 In Portuguese

Crónica de Carlos Castilho Pais / Chronicle by Carlos Castilho Pais

1,000

Gosta de flores? Are you a flower fan?

Passatempo 🏶 For Fun !!!!!!

....

Crónica das Leiras & Leiras' farm chronicle

A União e os Quatro Porquinhos - Check list / The Union and the four little pigs - Check list

10

An Englishman in Lisbon 🕸 Um inglês em Lisboa

11

Biblioteca 🥸 Library

(Re)leituras :: (Re)reading

Poemas de Vida :: Lifetime Poems

12

Derivações de um Guarda-Livros & Musings from a Bookworm

... falam, falam, falam, pá, e eu não os vejo a fazer nada, pá!

It's all blah, blah, blah and nothing ever gets done!

1 =

Tradumática * Tradumatics

FixWin, um técnico à distância de um clique / With FixWin, help is just a click away!

14

Álbum de Fotografias 💝 Photo Album

Artes 🏶 Arts

21

Impressões de Viagem & Travel Musings

Sevilha – nas margens do Guadalquivir

Seville - on the banks of the Guadalquivir



1.2.3 & 5 - Sevilha :: Seville: 4 - Coimbra

Rutura Disruption

Realizaram-se já, este ano, dois eventos cimeiros na nossa área de atividade: a 7.ª Conferência Anual da GALA (Globalization and Localization Association), que teve lugar em março, em Sevilha, e a 10.ª Conferência da EUATC (European Union of Associations of Translation Companies), que ocorreu em Lisboa, em abril passado.

A philos esteve presente em ambos e, para além da oportunidade de rever alguns e conhecer outros dos parceiros nacionais e internacionais que se fizeram representar, não podemos deixar de destacar a grande oportunidade dos temas abordados em geral e, em particular, alguns notáveis desenvolvimentos que muito contribuíram para reenquadrar o atual posicionamento do setor.

E creio que diremos tudo se referirmos que "Disruption" (Rutura), foi a palavra de ordem de ambos

E creio que diremos tudo se referirmos que "Disruption" (Rutura), foi a palavra de ordem de ambos os eventos – a conclusão, mais explícita do que implícita, a que conduziram os numerosos e bem fundamentados depoimentos dos principais oradores.

Rutura de processos, ou não seja a nossa uma das áreas mais afetadas, para o bem e para o mal, pelo cada vez mais acelerado desenvolvimento das novas tecnologias.

Mas, sobretudo, rutura de mentalidades.

Desde a primeira hora que a **philos** fez questão de estar na linha da frente no que ao desenvolvimento da sua atividade diz respeito. Ora, esse desenvolvimento nunca poderia ter tido êxito sem que lhe estivesse subjacente um pensamento correspondente. Um pensamento estruturado, mas audaz, que permitiu à **philos** tornar-se numa empresa de referência na área da tradução e localização de conteúdos.

Hoje, de novo, e mais do que nunca antes, é essa audácia de pensamento que conduz a forma como encaramos o presente, vencendo eventuais dificuldades de percurso que, de resto, só contribuem para melhor solidificar o caminho que vamos abrindo rumo ao futuro.



Two conferences have been held this year in our business area: the 7th Annual GALA (Globalization and Localization Association) Conference, held in March, in Seville, and the 10th EUATC (European Union of Associations of Translation Companies) Conference, in Lisbon in April.

philos was present at both events and we were delighted to have the opportunity to meet up with new and old national and international partners who were represented there. And we cannot neglect to mention the sense of opportunity as regards the topics covered in general, and in particular some notable developments that have led to a significant shift in the positioning of the sector.

We can sum up the state of affairs neatly by saying that "Disruption" was the buzzword at both events. This was the conclusion, more explicit than implicit, which numerous and well-grounded arguments from the main speakers led to.

Disruption of processes, given that our area is one of the industries most affected by the increasingly fast development of the new technologies.

But, above all, we are talking about a disruption in mentalities.

From the very start **philos** made a point of being at the forefront when it came to the development of its business sector. This development could not have been successful if it was not underpinned by a similar development in thinking. Structured but audacious thinking, which enabled **philos** to become a benchmark company in the translation and content localisation field.

Today, again, and more than ever, it is this audacity of thought that defines how we face current challenges, overcoming difficulties along the way that only contribute to solidifying the road we are building to the future.

Margarida Fonseca Silva

(Managing Partner)

magazînephilos

Fundador :: Founder Sílvio Oliveira

EDITOR :: EDITOR Margarida Fonseca Silva

TEXTOS :: TEXTS
philos

Colaboração especial :: Special collaboration Carlos Castilho Pais

> VERSÃO INGLESA :: ENGLISH VERSION Thomas Kundert

> > DESIGN

Vitor Silva Ricardo Fernandes

FOTOGRAFIA :: PHOTOS
philos
Sílvio Oliveira

(Álbum de fotografias :: Photo Album)

PUBLIGAÇÃO :: PUBLISHER philos - comunicação global, Ida

WWW.PHILOS.PT

ISSN - 2182-1550

Esta publicação bilingue, de distribuição gratuita, é exclusivamente eletrónica e destinada ao universo dos nossos parceiros comerciais.



This bilingual publication is delivered free, by electronic means only and to our business partners.

| JUNHO 2015 JUNE |

Tradutor ou Revisor? – o futuro da tradução Translator or Proof-reader? – the future of translation

Automação e Integração (Automation and Integration) foram os temas de destaque em duas importantes conferências internacionais que recentemente tiveram lugar: a 7ª Conferência Anual da GALA (Globalization and Localization Association), realizada em março, em Sevilha, e a 10ª Conferência da EUATC (European Union of Associations of Translation Companies), em Lisboa, em abril.

Nas intervenções que mais se destacaram, seja pelo prestígio associado aos seus protagonistas e/ou às empresas por si representadas, seja simplesmente pelo interesse e oportunidade do seu conteúdo, o tema das ferramentas automáticas e do papel do tradutor nesse contexto foi abordado de forma clara e sem "paninhos quentes".

É no "post-editing" (a revisão da tradução obtida por ferramentas informáticas) que se afirma, cada vez mais, o perfil do tradutor, em particular, e a mais curto prazo, do tradutor técnico.

Conheço bem o preconceito a que nós, tradutores profissionais, temos alguma dificuldade em escapar, quando ouvimos falar em "tradução de máquina". Descendemos ainda, sobretudo a minha geração, de um ensino que nos apresentava a tradução como se, a todos nós, nos aguardassem infindáveis obras de Shakespeare ou de Virgínia Woolf para serenamente passarmos os nossos dias mergulhados na interpretação e tradução da mais bela literatura.

Dificilmente se previa, então, o protagonismo que os automatismos iriam assumir na vida dos povos, das mais ínfimas às mais complexas tarefas, de forma tão avassaladora e, sobretudo, tão acelerada e imparável.

Temos dois caminhos: ou aceitamos a realidade e nos preparamos para ela, ou mudamos de profissão...

Mas, atenção: o tradutor desta nova era tem, pela frente, uma tarefa de ainda maior exigência do que antes. É que, para fazer uma tradução "assim, assim", uma tradução em que "errar é humano", uma tradução em que o leitor ande à procura do sentido das frases, para isso, existem as máquinas. Trabalham rápido, não têm horários, e as traduções saem "ao preço do tremoço".

O tradutor desse futuro que é já o presente, o "post-editor", o revisor, portanto, tem de ser um conhecedor profundo dos temas que revê, tem de ser especializado nos assuntos que lhe são entregues, tem de empenhar-se na sua formação contínua ao longo da vida, enfim, tem de suplantar, de facto, o trabalho da máquina. De contrário, será rapidamente dispensável.



Automation and Integration were two topics given top billing in two major international conferences that recently took place: the 7th GALA (Annual Globalization and Localization Association) Conference, held in March, in Seville, and the 10th EUATC (European Union of Associations of Translation Companies) Conference, in Lisbon in April.

Among the highlights, either because of the speakers in question and/or the companies they represented or merely because of the interesting nature and pertinence of the topic, was the subject of automatic tools and how they are changing the role of the translator. The issues were discussed openly, without treading on eggshells.

The changing profile of the translator to carry out a "post-editing" task (proof-reading a computer-generated translation) was discussed, in view of the fact that the profession is rapidly changing, for the technical translator in particular and for the time being.

I am well aware that we, professional translators, find it somewhat difficult to conceal a prejudice against "machine translation". As a class, especially in my generation, we were taught translation seemingly to prepare us for the endless works of Shakespeare or Virginia Woolf that would enable us to spend our days plunged in the interpretation and translation of beautiful literature.

At the time, the overwhelming level of automation of the modern world was hardly forseeable, with machines carrying out nowadays the most miniscule and most complex of tasks, in an increasingly accelerated and unstoppable manner.

We have two options: either we accept the reality and prepare ourselves for it, or we change our profession.

But a word of warning: the translator in this new era is faced with an even more demanding task than previously. Because a "so-so" translation, containing mistakes in which the reader has to decipher the meaning from the text, is readily produced by the machines. These machines work quickly, they do not have to stick to business hours, and their words are produced for peanuts.

The translator of the future, which is actually the present (hence the post-editor, or proof-reader) has to have profound knowledge of the topics he is working on, he has to be a specialist in the subjects of the translations, and has to undergo permanent training throughout his life. In short, he has to outdo the machine's work. Failure to do so will rapidly make him expendable.













Começamos por onde acabamos no nosso último magazine: na eterna procura de nos sentirmos crianças outra vez!

Coimbra viu nascer, em 1940, o Portugal dos Pequenitos que, desde então, não tem parado de fazer as delícias de várias gerações. Este ano, comemoram-se os 75 daquele que é um espaço de referência da cultura nacional, dedicado aos mais petizes. A 8 de junho, no dia das celebrações dos 75 anos, foi inaugurada uma instalação artística permanente de Joana de Vasconcelos: "Casa de Chá".

Miúdos e graúdos são abraçados por um Portugal em miniatura, cheio de grandiosa história que faz inverter os papéis a quem por lá passa. Se uns se agigantam perante as edificações, outros (como eu) fazem uma ligação direta a tempos idos de meninice, tocando em pedras, repletas de doces memórias, que nos fazem sentir a mão firme de quem lá nos guiou pela primeira vez.

Com distintas zonas, este parque está pululado de miniaturas de casas e monumentos portugueses prontos a receber a pequenada. Sim, porque aqui o espaço é reservado a eles – por muito crianças que nos voltemos a sentir, uma coisa é certa: não conseguimos encolher.

Ao longo do ano, uma programação diversificada convida a visitas regulares. *Ateliers, workshops*, exposições, teatro, são algumas das atividades que o parque oferece e que atraem dezenas de milhares de visitantes anualmente.

Há quanto tempo não se sente criança?

0

We'll start from where we finished off in our last magazine: on our eternal quest to feel like a child again!

In 1940 Portugal dos Pequenitos was born in Coimbra and since then it has provided a delightful visit for many generations. This year marks the commemoration of 75 years since this national treasure of culture dedicated to youngsters opened. On 8 June, the 75th birthday of the enterprise, a permanent art installation by Joana de Vasconcelos was inaugurated: Casa de Chá (Tea House).

Kids and grown-ups never fail to be enchanted by this miniature Portugal, brimming with grandiose history and which brings about a role-reversal. While the little ones become giants in comparison to the buildings, others (like me) are swiftly transported back to their childhood, touching stones full of sweet memories that make us remember the firm hand of those who guided us for the first time. Split into different zones, the park is bursting with miniature houses and Portuguese monuments, inviting children to explore its every corner. No matter how much we adults feel like we are children again, we have to admit that *Portugal dos Pequenitos* is geared towards kids, because one thing is certain: we can't shrink.

Throughout the year, a wide-ranging programme invites us to make regular visits. Ateliers, workshops, exhibitions and theatrical performances are some of the activities that the park puts on and which attract tens of thousands of visitors every year.

How long has it been since you last felt like a child?

magazînephilos

Em português In Portuguese



Carlos Castilho Pais

[professor universitário :: university professor]

Numa crónica sobre tradução hão-de alguns leitores estranhar o assunto que apresento. Veremos. É que foi recentemente publicado na vizinha Espanha um *Don Quijote de la Mancha* de Miguel de Cervantes, 'puesto en castellano actual íntegra y fielmente' pelo escritor Andrés Trapiello, com prólogo do Nobel peruano Mario Vargas Llosa. Apesar de constituir 'tradição' na Espanha, este tipo de prática em relação às obras 'clássicas' é sempre acompanhada de alguma celeuma. Entre nós, também, há poucos anos, empreendeu Vasco Graça Moura uma prática do género sobre *Os Lusíadas* de Camões. Mas poucas semelhanças haverá entre uma obra e a outra. Desde logo, no que diz respeito aos públicos a que se destinam. Graça Moura dirigia-se aos jovens, Trapiello dirigese ao grande público, que, segundo parece, já não entende a língua de Cervantes. Depois, Vasco Graça Moura junta na sua obra versos da sua autoria e versos de Camões. Trapiello age como tradutor, fiel ao original e respeitador do texto de Cervantes.

Não esgotaremos aqui, evidentemente, as considerações muito interessantes que poderiam tecer-se sobre esta obra, que aparece no momento em que se comemora o quarto centenário da publicação da segunda parte do *Don Quijote*. Ela facilitará a tradução da obra de Cervantes para outras línguas; podem as traduções já feitas noutras línguas ser agora melhor analisadas, tendo em conta a obra de Trapiello... E nós temos duas traduções para português da obra de Cervantes, recentes e dignas de registo, publicadas no mesmo ano, levadas a cabo por dois reconhecidos tradutores: Miguel Serras Pereira e José Bento.

Por tudo isto, já se compreendeu que não é sem sentido que este assunto figura numa crónica sobre tradução. Não se traduz apenas de uma língua para outra língua. Pode traduzir-se também de uma língua para essa mesma língua. Constitui um tema menos trabalhado nos Estudos de Tradução, é uma prática rara, mas não podemos deixar de a considerar.

Andrés Trapiello estudou durante largos anos o *Quijote* de Cervantes. Para bem compreendê-lo. Só pode bem traduzir quem compreende aquilo que se propõe traduzir. É assim que procede o tradutor. Não me incomoda, ao contrário, que se afirme que o objetivo do escritor consistiu em 'traduzir o grande clássico espanhol para a língua atual', como tem sido referido na imprensa castelhana.

É um novo texto o de Trapiello? Claro que sim, como qualquer texto traduzido. Mas o texto 'original' continua no lugar, onde sempre esteve, aberto a quem quiser lê-lo. E nisso também não há diferença entre o texto de Trapiello e qualquer outro texto traduzido. O texto traduzido não tem por alvo aniquilar o texto 'original'.

Trapiello não atualizou apenas a ortografia da obra de Cervantes, prática corrente entre nós, relativamente aos textos dos séculos mais remotos. Trocou palavras do tempo do escritor clássico espanhol por palavras que o público usa atualmente. Tornou o *Quijote* compreensível. E não é isso o que a tradução faz? Se esse público voltar depois ao *Quijote* 'original', tanto melhor. Essa é a especificidade do empreendimento de Andrés Trapiello, e que ultrapassa o poder da tradução comum.

In a column about translation, some readers may find the topic I present today a little odd. Let's see. A new version of Cervantes's Don Quijote de la Mancha by Miguel de Cervantes was recently published in neighbouring Spain, 'puesto en castellano actual íntegra y fielmente' by the author Andrés Trapiello, with the foreword written by the Peruvian Nobel Prize for Literature winner, Mario Vargas Llosa. Although there is a tradition of this kind of reworking of the classics in Spain, it always causes something of a stir. Here in Portugal, a few years ago, Vasco Graça Moura did something similar with Os Lusíadas by Camões. But there are few similarities between these two great works. To start with, they are aimed at two completely different audiences. Graça Moura's publication was aimed at the young, while Trapiello wrote for the general public who, so it seems, no longer understands Cervantes's language. Moreover, Vasco Graça Moura adds his own verses to the verses of Camões. Trapiello, on the other hand, acts like a translator, faithful to the original and respecting Cervantes's text.

We will not go into depth here about the very interesting points of discussion regarding this type of task, which appeared upon the commemoration of four hundred years since the publication of the second part of *Don Quijote*. It will aid the translation of Cervantes's masterpiece into other languages; the translations existing in other languages can now be analysed more easily, comparing them against Trapiello's version. And in Portugal two recent Portuguese translations of Cervantes's classic are available and worthy of mention, published in the same year by two well-renowned translators: Miguel Serras Pereira and José Bento.

For all these reasons it makes sense to bring up this topic in a column about translation. The act of translation is not restricted to transposing the message from one language to another. You can also translate from one language to this very same language. This is a topic that is rarely worked on in Translation Studies. Although it is a rare practice, it should also be considered.

Andrés Trapiello studied Cervantes's *Quijote* for many years, in order to fully understand it. You can only translate something well if you understand it in its entirety. This is the translator's prerogative. It does not concern me – quite the opposite – that it is said that the writer's goal was to 'translate the great Spanish classic into today's language', as the Spanish press announced.

Is Trapiello's work a new text? Of course it is, as is any translated text. But the 'original' text remains in place, where it always was, available for anybody who wants to read it. And on this point there is no difference between Trapiello's text and any other translated text. The translated text does not intend to annihilate the 'original' text.

Trapiello did more than simply update the spelling of Cervantes's work, a common practice in relation to texts from distant centuries. It replaced words from the time of the Classical Spanish writer with words used today. He made *Quijote* intelligible. Is this not the purpose of translation? If the public then go back to the 'original' *Quijote*, so much the better. This is the specificity of Andrés Trapiello's enterprise, and which goes beyond the power of common translation.





É uma das mais populares em arranjos florais. Com mais de cinquenta espécies, na sua maioria de origem africana, o seu nome homenageia os irmãos Gerber, botânicos alemães estudiosos da flora sul-africana, embora a planta houvesse já sido descoberta no século XVIII pelo naturalista holandês Grenovius.

Pertencente à família das *Asteraceae* (a mesma do girassol e das margaridas), a gerbera foi objeto de processos de seleção e melhoramento nas últimas décadas do século XX, que conduziram à sua grande diversificação e êxito comercial.

As plantas podem cultivar-se em vaso, mas são mais adequadas para jardim, proporcionando canteiros de grande colorido. As flores podem ser simples ou dobradas; com pétalas largas ou finas e apresentando uma quase infinidade de cores, incluindo o preto.

0

The gerbera is one of the most popular plants to include in arranjements. With over fifty species, most of African origin, their name derives from the Gerber brothers, German botany scholars of South African flora, although the plant had been discovered in the 18th century by the Dutch botanist Grenovius.

Belonging to the *Asteraceae* family (the same as the sunflower and the daisy), the gerbera underwent a selection and improvement process in the late decades of the 20th century, which led to their huge diversification and commercial success.

The plants can be cultivated in a vase, but they are better suited for the garden, enabling wonderfully colourful flowerbeds. The flowers may be simple or double petalled, with broad or thin petals and an almost endless array of colours, including black.

Gerbera







Passatempo FUII

Esta escultura é um memorial que evoca um drama do Séc. XX. Sabe quem é a figura representada e em que cidade se encontra?



The sculpture represents a memorial to dramatic events of the 20th century. Do you know who is represented and in which city can you find it?



Edição anterior Last Issue

A resposta certa era: Parlamento Regional da Renânia do Norte-Vestefália – Düsseldorf. Dois dos nossos fiéis leitores acertaram. Parabéns!



The correct answer was: Landtag of North Rhine-Westphalia – Düsseldorf Two of our faithful readers got it right. Congratulations!

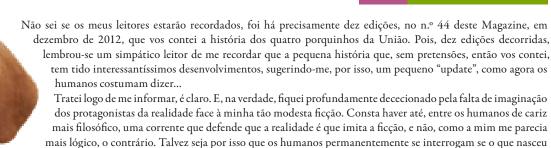


0

A União e os Quatro Porquinhos – Check list The Union and the four little pigs – Check list _____



Dom Biralbo da Porta do Olival



Exemplos da tal falta de imaginação? Permitam que vos transcreva um dos últimos parágrafos da minha história:

"Quando o Lobo Mau chegou, olhou invejoso as belas praias, e a aragem de felicidade que sentiu no ar irritou-o profundamente. Interrogou então do seguinte modo a cada um dos porquinhos:

– Quando vais pagar a dívida?

primeiro foi o ovo ou a galinha!

Estarrecidos primeiro, alarmados depois, os porquinhos apressaram-se a acusar-se uns aos outros de preguiçosos, mentirosos e maus pagadores, reclamando cada um para si os créditos de bom cumpridor."

Ring a bell???

Queridos leitores: tenho de confessar-vos que esperava um pouco mais de imaginação dos humanos, quero dizer, dos porquinhos... um poucochinho só que fosse, que diabo, não era pedir muito!

Por isso, não vou alargar-me em enredos, vocês conhecem-nos bem melhor do que eu, afinal! Prefiro deixar-vos, apenas, uma "check list", outra dessas coisas que o vocabulário dos humanos tão bem aprendeu. Aqui vai, objetiva como convém:

Porquinho Ref.	Estado da Dívida	Statu quo	Contributos para o seu Statu quo
Porquinho G	Em franco progresso	Pronto para o espeto	Substanciais, em particular (mas não só) do porquinho P
Porquinho P	Em franco progresso	Já perdeu os cascos, a pele, a cauda e o focinho.	Substanciais, em particular (mas não só) dos chefes do reino.

Por agora, é tudo, caros leitores. Prometo manter-vos ao corrente dos futuros desenvolvimentos, mas, deixem que vos adiante, são os mais previsíveis!



I don't know if my readers remember, but it was exactly ten editions ago, in no. 44 of this Magazine, in December 2012, that I told you the story of the four little pigs of the Union. Well, ten editions down the line a friendly reader decided to remind me that the short story I innocently told you at the time has undergone extremely interesting developments, suggesting that I relate a brief "update", as the humans like to say nowadays. I immediately investigated, of course. And, truth be told, I was deeply disappointed by the lack of imagination of the real-life characters in relation to my modest stab at fiction. Some humans of a more philosophical nature say that reality is an imitation of fiction, and not, as I would say is more logical, the other way round. Perhaps this is why humans are always asking themselves which came first – the chicken or the egg!

Do you want examples of this lack of imagination? Allow me to transcribe one of the last paragraphs of my story:

When the Big Bad Wolf arrived, he looked enviously at the beautiful beaches, and the sensation of merriment he felt in the air irritated him deeply. He asked each of the little pigs the following:

- When are you going to pay your debt?

Terrified at first, alarmed afterwards, the little pigs quickly began accusing one another of being lazy, liars and debtors, each claiming for themselves the credit for being a good payer.

Ring a bell???

Dear readers: I have to confess I was expecting a little more imagination from the humans, I mean, the little pigs, just a wee bit more wouldn't be asking for much!

I'm therefore not going to waste time spinning a plot, you know yourselves better than me, after all! I prefer simply to leave you a "checklist", another of those things that the human vocabulary has adopted so readily. Here is the list, and an objective one at that to be helpful:

Ref. little Pig	State of the Debt	Statu quo	Contributions to its Statu quo
Little Pig G	Forging ahead unstoppably	Ready for the spit	Substantial, in particular (but not limited to) little pig P
Little Pig P	Forging ahead unstoppably	Has already lost the hoofs, hide, tail and snout.	Substantial, in particular (but not limited to) the leaders of the kingdom.

For now, that is everything, dear readers. I promise to keep you up-to-date as regards future developments, but let me warn you in advance that they are as predictable as can be!

The hidden skill in the art of translating – being sociable O segredo oculto da arte da tradução – sociabilidade

Just like the art of good management relies on the ability to delegate well, the art of good translation is heavily dependent on tapping into the knowledge of others.

A professional translator in today's competitive world has to know how to be a lawyer, an engineer or an accountant (for example) from one day to the next, and sometimes all three in the same day!

Adopting the role of a variety of professions and writing as such is the only way to guarantee a continuous flow of work in a saturated marketplace, and a decent living given the ever lower prices clients are willing to pay.

It is unrealistic to expect a translator, no matter how competent and experienced he or she may be, to master all the technical vocabulary, industry-specific jargon and contextual nuances of all the professional fields.

That is where the translator's ability to draw on a broad network of helpers comes into play.

Thanks to the technological explosion, people nowadays tend to have a hitherto unimaginable number of "friends", although "friend" is used so loosely here it practically redefines the original meaning of the word. Yet no matter how shallow these friendships may be, they can be an invaluable tool when searching for that term or turn of phrase that eludes you.

Often the best solution is to tap into the brains of that Twitter follower who's an attorney in Toronto, or that Facebook friend who's a civil engineer in London, or that LinkedIn acquaintance who's an IT expert in Delhi. People are usually more than happy to oblige when asked to display their superior knowledge on a given subject, and a simple question, even if sent thousands of miles away, often has an immediate answer, saving hours of research.

Ironically given that the industry's purpose is to aid communication, translation is essentially a lonely occupation owing to the very nature of the work and the need to be fully concentrated on the task at hand. But because one of the most important competencies in translation is knowing how to find an answer to a language problem quickly and efficiently, the ability to network effectively should be part of every translator's skillset.

What's more, suddenly all those hours spent on the Social Networks don't seem so futile, after all!

Tal como a arte da boa gestão assenta em saber delegar, a arte da boa tradução depende grandemente da apreensão do conhecimento alheio.

No mundo competitivo dos nossos dias, um tradutor profissional tem de aprender a ser (por exemplo) advogado, engenheiro ou contabilista de um dia para o outro e, por vezes, tudo isso no mesmo dia!

Trazer para a escrita os conhecimentos de profissões diversas é, num mercado de oferta excessiva sujeito às fortes pressões de baixa de preços por parte do cliente, a única forma de garantir um fluxo de trabalho contínuo e um nível de vida decente.

Não é realista esperar que um tradutor, por muito competente e experiente que seja, domine todos os vocabulários técnicos, todo o jargão industrial e todas as subtilezas de contexto inerentes a todas as áreas profissionais.

Mas é, justamente, aqui que entra em jogo a capacidade de o tradutor se integrar numa vasta rede de ajuda.

Graças à explosão das novas tecnologias, é hoje normal dispormos de um inimaginável número de "amigos" – embora, neste contexto, a palavra "amigo" tenha um tal caráter de informalidade que, na prática, redefine o seu significado original. No entanto, independentemente de quão elementares estas amizades possam ser, podem constituir ajudas preciosas no momento em que procuramos aquele termo, aquela expressão particular que nos escapa.

A melhor solução é, com frequência, recorrer às "células cinzentas" daquele seguidor do Twitter que é advogado em Toronto, ou do outro amigo do Facebook que é engenheiro civil em Londres, ou do tal conhecido do Linked In especialista em TI, em Deli. Em geral, as pessoas ficam felizes por poderem mostrar os seus elevados conhecimentos numa dada área, e uma simples pergunta, mesmo quando enviada a milhares de quilómetros de distância, tem, quase sempre, resposta imediata, poupando-nos horas de pesquisa.

Apesar de o objetivo da nossa profissão ser o de incrementar a comunicação, a tradução é, ironicamente, uma ocupação solitária, devido à própria natureza do trabalho e à necessidade de total concentração que o mesmo exige. Mas, porque uma das competências fundamentais da tradução é encontrar, de forma rápida e eficaz, respostas a problemas linguísticos, a capacidade de interagir socialmente deve fazer parte das ferramentas dos tradutores.

E, afinal, vendo bem, as horas gastas nas Redes Sociais podem revelar-se menos fúteis do que à partida poderia julgar-se!

0

BibliotecaLibrary

(Re)leituras (Re)reading



Nelson Loureiro

O CÂNONE OCIDENTAL The Western Canon

HAROLD BLOOM

Há profissões em que se entende uma certa dificuldade em fazer amigos, sobretudo duradoiros. Se o exemplo dos árbitros é um pouco óbvio, os quase sempre esquecidos críticos literários têm também a sua quota-parte de solidão. Ainda assim, poucos serão tão capazes de polarizar opiniões quanto Harold Bloom.

A tese central da sua obra basilar, A Angústia da Influência – os poetas sofrem devido à necessidade de escrever na esteira dos antecessores e, em simultâneo, ultrapassá-los, para que possam vir a ser reconhecidos pela posteridade, o que leva a que a maior parte dos poetas seja fraca – havia já levantado vozes dissonantes. A discórdia gerada



por este seu cânone – o rol dos escritores que melhor teriam conseguido superar essa referida influência, ou seja, os fortes – não foi, ainda assim, o ponto fulcral da polémica criada pela obra, até porque ainda está por surgir uma lista similar, seja em que atividade for, que não gere anticorpos. O ponto essencial das críticas posteriores está no objetivo de Bloom, que era redigir um libelo contra aquilo a que chama de Escola do Ressentimento, isto é, toda a crítica que pretende analisar a literatura na ótica de uma qualquer corrente política ou sociológica externa ao mundo literário propriamente dito. Para Bloom, a crítica literária deve cingir-se à vertente estética, quanto muito filosófica, sob pena de produzir apenas análises sobre outra coisa que não a obra analisada.

Como em tudo na vida, é sempre melhor chegarmos às nossas próprias conclusões, sem seguir cegamente as opiniões alheias. Por isso, não vamos dizer se concordamos ou discordamos de Bloom. Vamos só sugerir que dê uma vista de olhos pelo cânone apresentado...



Some professions are somewhat incompatible with building friendships, especially lasting ones. The example of a referee is an obvious one, but the almost always forgotten literary critics also have to contend with a hefty dose of solitude. Even so, few are able to polarise opinions like Harold Bloom.

The central thesis of his seminal work, *The Anxiety of Influence* – that poets suffer owing to the need to follow their precursor poets, and simultaneously to surpass them, so that they can be recognised by posterity, which results in most poetry being weak – had generated much discord. The disagreement generated by his canon listing the writers who had most successfully managed to surpass this influence, and therefore who were strong, was not, however the crucial point of the controversy created by the work. After all, any similar list, no matter what field of activity, would inevitably generate antibodies. The overriding point of the later criticism is in Bloom's objective to attack what he called a School of Resentment, which was all criticism that analysed literature through the prism of a political or sociological reading outside the sphere of the literature itself. According to Bloom, literary criticism should be restricted to an aesthetic perspective, or a philosophical one at the most, and failure to do so will produce only analysis of something other than the work supposedly under analysis.

As with everything in life, it is always better to arrive at one's own conclusions, without blindly following the opinions of others. Therefore, we are not going to say if we agree with Bloom or not. We merely suggest taking a look at the canon presented.

magazinephilos

Poemas de Vida :: Life Poems

Senhor, aquel que sempre sofre mal, mentre mal há nom sabe que é bem, e o que sofre bem sempr', outro tal do mal nom pode saber nulha rem, por em querede, pois que eu, senhor, por vós fui sempre de mal sofredor, que algum tempo sabha que é bem.

Ca o bem, senhor, nom poss'eu saber senom per vós, por que eu o mal sei; desi o mal nom o posso perder se per vós nom; e poi-lo bem no hei, quered'ora, senhor, vel por Deus já que em vós pôs quanto bem no mund'há, que o bem sabha, pois que (o) nom sei.

Ca senom souber algúa sazom o bem por vós, por que eu mal sofri, nem tenh'eu já i se morte nom, e vós perdedes mesura em mi; por em querede, por Deus, que vos deu tam muito bem, que por vós sabha eu o bem, senhor, por quanto mal sofri.



My Lady, he whom misfortune always befalls, while misfortune persists, does not know what good is; and he who good always befalls, also cannot know anything of misfortune; for this I want, my lady, because in feeling for you, misfortune has always befallen

Because good, my lady, I cannot know

f not through you, because misfortune I know of;
and this is why I cannot rid myself of misfortune

f not through you; and because the good I have not known,
want now, my lady, through the grace of God, as
he placed in you all the good that there is in the world,
what I know of, as I know norbing of it.

Because if I do not know one day
the good through you, for whom I suffered so,
I have nothing to await me but death,
and you will lose my courtesy;
for this I want, by the grace of God, who
gave so much good to you, that through you
may I know the good. my lady, for which I suffered so.

D. DINIS I *

*D. Dinis I, o Lavrador (1261-1325), foi o sexto rei de Portugal, e, talvez, um dos monarcas mais influentes na definição do que se pode considerar a identidade portuguesa: assinou o Tratado de Alcanizes, que fixou as fronteiras do país; fundou a primeira universidade (os Estudos Gerais); e, sobretudo, instituiu o português como língua oficial do reino, diferenciando-o em definitivo do galego e castelhano, tendo sido igualmente um dos maiores cultores da poesia trovadoresca

King Dinis I, the Farmer (1261-1325), was the sixth king of Portugal, and Perhaps one of the most influential monarchs in defining what one can consider the Portuguese identity: he signed the Treaty of Alcanizes, which established the country's borders; he founded the first university (General Studies); and, above all else, he established Portuguese as the official language of the kingdom, definitively differentiating it from Galician and Castilian, as well as being one of

THE BIGGEST PATRONS OF PORTUGUESE TROUBADOUR POE



... falam, falam, pá, e eu não os vejo a fazer nada, pá! It's all blah, blah, blah and nothing ever gets done!

Artur Seme

Se a língua portuguesa se vai oficializando por terras nunca dantes trilhadas, ou, pelo menos, colonizadas, outras línguas há que, oficiosa, quase sub-repticiamente, se entranham no quotidiano da humanidade, por todos os continentes. É o caso do politiquês, versão corrompida pelos ares do tempo daquilo que foi outrora o discurso político. Reza um daqueles aforismos anónimos que pululam pelo espaço cibernético que "quando um político diz sim, quer dizer talvez; quando diz talvez, quer dizer não; se disser não, não é político". Assim se resume o politiquês: a capacidade, apenas ao alcance de uma minoria da população devidamente instruída, de comunicar em termos difusos e vagos, para que nenhuma opção fique, jamais, (com)prometida em definitivo.

Poder-me-iam retorquir, dizendo que, no fundo, a política sempre foi feita dessa capacidade de nada revelar, e que o seu discurso nunca foi tão transparente que toda a gente o pudesse compreender na plenitude. E talvez assim tenha sido. Porém, há sempre algo a subjazer a esse discurso e foi isso que, ao longo do tempo, se alterou. Etimologicamente, o político é aquele que cuida da *polis*, ou seja, do conjunto de cidadãos que vivem numa comunidade. Outrossim o republicano, mais que alguém que defende um regime de eleição presidencial ao invés de uma monarquia hereditária, é aquele que protege a *res*, ou coisa, pública. Quer isto dizer que o bom governante deve ter como intenção a prosperidade geral da comunidade, propiciando a todos a fruição plena dos benefícios criados pela mesma. Isto obriga, obviamente, a uma procura incessante do equilíbrio entre o que é social, cultural, económico, enfim, tudo cambiantes de uma mesma coisa: a vida humana.

Hoje, porém, a tecnocracia impera, e, em conformidade com o seu glossário próprio, a humanidade vê-se substituída pelos números, nas provas de aferição do sucesso ou insucesso das ações que são tomadas, para lá, muito para lá, de discursos cada vez mais vácuos, sem uma réstia de crença que lhes possa dar forma.

While the Portuguese language officially makes inroads into lands never before trodden by the nation, never mind colonised, other languages, unofficially, creep into the daily lives of mankind, in all the continents. Such is the case of *politicish*, a corrupted modern-day version of what previously was called political discourse. According to the anonymous aphorisms that proliferate in cyberspace "when a politician says yes, he means maybe; when he says maybe, he means no; when he says no, he's not a politician." This sum up politicish: the ability, mastered only by a duly instructed minority, to communicate in nebulous and vague terms, so that no option is ever definitively promised (or compromised).

I could backtrack by saying that, at the end of the day, politics has always been about this ability to reveal nothing, and that its discourse was never clear enough to allow everybody to understand it completely. Maybe that is the case. However, there is always something underpinning this discourse and it is this that has changed, over time. Etymologically speaking a politician is somebody who cares for the *polis*, i.e. the group of citizens that live in a community. Also the republican, more than somebody who argues for an electoral presidential regime rather than a hereditary monarchy, is somebody who protects the *res publica*, i.e. that which is public. As such, a good governor should strive for the general prosperity of the community, providing conditions for everybody to gain from the benefits the community creates. This obviously necessitates an ongoing search for a balance between social, cultural and economic facets, all contributing towards a single cause: human life.

Today, however, technocracy rules supreme, and in accordance with its own glossary, humanity is replaced with numbers to prove the success or failure of the actions taken, outweighing, far outweighing, the increasingly vacuous discourse that contains not a hint of beliefs that make them worth listening to.



FixWin, um técnico à distância de um clique. With FixWin, help is just a click away!



Ricardo Fernandes

No sentido de facilitar a resolução de erros já conhecidos, apresento a ferramenta FixWin. Esta ferramenta *freeware* funciona sem necessidade de instalar e rapidamente corrige perto de 50 falhas do Windows que normalmente levam as pessoas a recorrer a ajuda de profissionais para as solucionar.

A aplicação é muito simples de usar permitindo que os menos ousados no mundo da tecnologia possam fazer uma análise e possíveis reparações sem correr qualquer risco. A aplicação começa sempre por fazer uma análise ao Sistema de Ficheiros sugerindo em boa prática que se faça um **Ponto de Restauro** inicial.

São mais de 50 falhas que esta ferramenta repara. Os problemas estão divididos em várias categorias, incl<mark>uindo "Wi</mark>ndows Explorer", "Internet & Conectividade" e Ferramentas de Sistema".

Cada problema é apresentado com uma breve descrição, sendo apenas necessário um clique em FIX para que uma série de testes capazes de determinar a melhor forma de resolver o problema sejam executados.

Uma referência importante é que, mesmo em máquinas mais antigas, o FixWin mostra-se extremamente importante e competente. Nos sistemas operativos Windows mais modernos, existem nativamente funções que reparam alguns destes problemas de forma automática, sem intervenção de terceiros. Contudo, se o seu Windows tem um problema de conflitos com a placa gráfica ou com um driver específico, o FixWin será capaz de ajudar e, mais uma vez, basta aplicar o Fix correto e o problema fica instantaneamente resolvido. É também muito provável que o erro que lhe aparece sempre que liga o PC, vá desaparecer depois de conhecer o FixWin.

Estou certo que esta ferramenta tão simples e fácil de usar será realmente útil e uma grande ajuda.



Aimed at helping solve well-known errors, I present the FixWin tool. This freeware tool works without having to install it, and rapidly corrects almost 50 Windows faults that usually lead people to ask for help from professionals to solve the situation.

The application is very easy to use, enabling those less willing to delve into the world of technology to analyse and repair faults if need be without running any risk. The application always starts by analysing the File System, with good practice suggesting an initial **Restore Point** be created.

The tool repairs more than 50 faults. The problems are split into several categories, including "Windows Explorer", "Internet & Connectivity" and "System Tools".

Each problem is presented with a brief description, and the user simply clicks on FIX to set in motion a series of tests to ascertain the best way to solve the problem.

One important point to mention is that even on the oldest machines, FixWin has proven to be extremely important and competent. The most up-to-date Windows operating systems include functions that repair some of these problems automatically, without any outside intervention. However, if your Windows has a conflict problem with the graphic card or a specific driver, FixWin will be able to help. Again, simply by applying the correct Fix the problem will be solved immediately. It is also very likely that the error that appears whenever you turn on your PC will disappear after using FixWin.

JUNHO 2015 JUNE



FixWin

I'm sure this extremely user-friendly tool will be really useful and a big help.

http://www.thewindowsclub.com/repair-fix-windows-7-vista-problems-with-fixwin-utility

13

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

Páginas dedicadas ao nosso sócio fundador, Sílvio Oliveira.

A fotografia sempre me espanta, com um espanto que perdura e se renova inesgotavelmente.

Roland Barthes

0

PHOTO ALBUM

These pages pay hommage to our founder-partner, Sílvio Oliveira.

Photography always amazes me with an astonishment that lasts and renews itself, inexhaustibly.

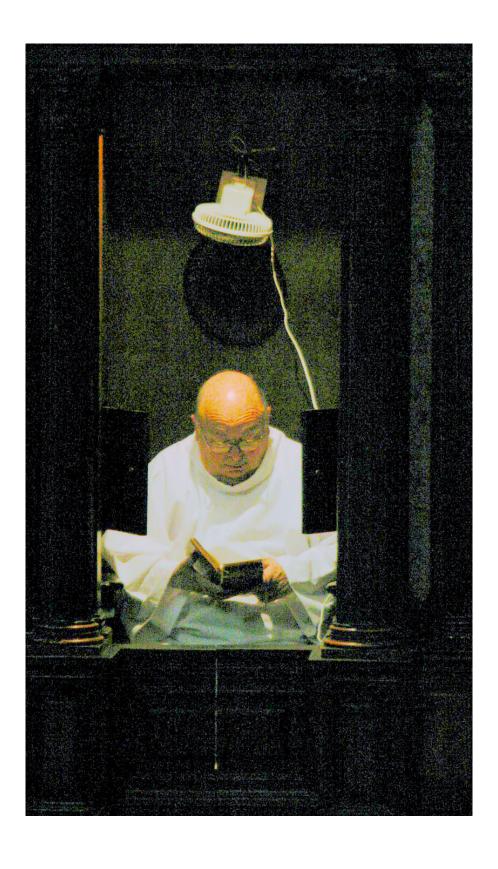
Roland Barthes

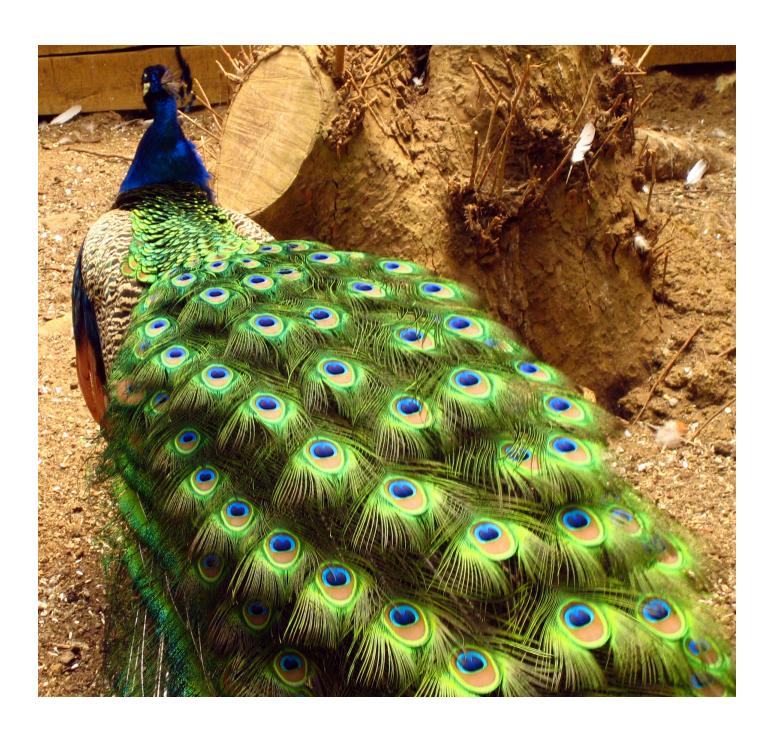
















ARTESARTS



Fernando Nogueira

Fado Camané

Filme do realizador Bruno de Almeida, com Camané, José Mário Branco, Manuela de Freitas, José Manuel Neto e Carlos Manuel Proença.

O filme explora o processo de criação de uma das obras essenciais do fado e centrase na relação de Camané com o compositor e produtor José Mário Branco e a poeta Manuela de Freitas.



NOS CINEMAS FADO CAMANÉ
un litar de Brand de Almedi

Revela um rigoroso trabalho de procura da sintonia perfeita entre a poesia, música e intérprete. Camané abre as portas do seu universo numa análise profunda do que é o fado: a tradição oral, a escolha dos poetas e a misteriosa magia do processo criativo.

O resultado é uma rara visita ao método do artista que procura "aprender a sentir", descobrindo uma verdade partilhável com o público.

0

This movie made by director Bruno de Almeida features Camané, José Mário Branco, Manuela de Freitas, José Manuel Neto and Carlos Manuel Proença.

The film explores the creative process behind one of the most essential works in fado and focuses on the relationship between Camané and the composer and producer José Mário Branco and also the poet Manuela de Freitas.

It unveils a meticulous quest for the perfect combination among poetry, music and performance. Camané opens the doors of his universe in a deep analysis of what is the essence of fado: the oral tradition, the selection of poets and the mysterious magic of the creative process.

The result is a rare insight into the artist's method, who tries "to learn to feel" discovering a truth to be shared with his audience.

Guitarra Makaka: Danças a um Deus Desconhecido

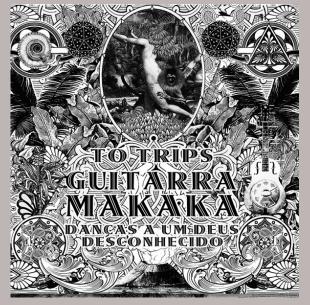
"Guitarra Makaka: Danças a um Deus Desconhecido", é o novo trabalho de Tó Trips, músico conhecido pela sua arte nos Dead Combo, e antes nos Lulu Blind e nos Amen Sacristi. É música nova, que evoca a tristeza lânguida das mornas de Cabo Verde, a sofisticação ditosa da música do Mali ou uma Lisboa que, numa alegria envergonhada, convida o Mediterrâneo para um baile de verão. Ao som de uma guitarra. "Tem influências africanas, portuguesas, orientais e árabes! [O disco] é como se fosse um compêndio de temas tradicionais de uma ilha imaginária, com tanto de primitivo como de clássico", diz-nos Tó Trips.

A capa deste segundo disco a solo do guitarrista, depois de "Guitarra 66" de 2009, é inspirada num original de Jean Michel Moreau le Jeune para a reedição de 1803 de um livro de Voltaire intitulado Candide ou l'Optimisme.



"Guitarra Makaka: Danças a um Deus Desconhecido" is the new album by Tó Trips, a musician known for his current collaboration with Dead Combo, and also his past work with Lulu Blind and Amen Sacristi. This is new music, evoking the languid sadness of the Cape Verde, the blessed sophistication of the music from Mali, or even from the city of Lisbon that in almost embarrassed joy invites the Mediterranean Sea to a summer's dance. All through the sound of the guitar. "The album has African, Portuguese, Oriental and Arabic influences! It's like a reference book of traditional themes from an imaginary Island, packed with primitive as well as classical content," Tó Trips says.

The album cover of this second solo record by the guitarist, after "Guitarra 66" in 2009, is inspired on an original image by Jean Michel Moreau le Jeune for the 1803 publication of a book by Voltaire entitled *Candide or l'Optimisme*.



Alinhamento do disco Track list

First god Danças Baía das negras Cuca Makumba das foncas Brica Makaka Cartagena suite Pedra lume Sacrifício Migratória Adeus muchassa

Sevilha – nas margens do Guadalquivir Seville - on the banks of the Guadalquivir

Desconheço se, entre as centenas de participantes na 7.ª Conferência Anual da GALA, que teve lugar em Sevilha, no passado mês de março, alguém levava no portátil, no iPad, no telemóvel ou, mais improvavelmente ainda, no pensamento, a cigana Cármen. Confesso que não era o meu caso.

Não que me seja indiferente a beleza que Bizet soube conferir à ópera inspirada no enredo dramático do romance de Mérimée, que apaixonou os leitores do século XIX e, de algum modo, fez da operária da Tabaqueira um ícone de Sevilha.

Prosaicamente, porém, tenho de admitir que eram doutra esfera os pensamentos que me transportavam até Sevilha. A começar pelo transporte propriamente dito. Entre chegar ao aeroporto, aguardar pelo embarque e aterrar em Sevilha: seis, sim, seis horas! Enfim, convenhamos que não é, nos dias de hoje, a mais apetecível das apresentações à bela capital da Andaluzia. É o preço a pagar por quem não quer aventurar-se a cumprir duas jornadas, de 600 km, agarrado à solidão do volante.

E, depois, o tempo... não o das horas, mas o da meteorologia, também não foi propriamente aquilo de que, pelo menos eu, estava à espera. Digamos que, tal como a cigana Cármen pode influenciar o imaginário de quem nunca visitou

a Andaluzia, sobre o perfil da mulher andaluza, excessivamente, diria eu, dadas as naturais distâncias entre a cenografia operática e a realidade, também o incauto visitante pode ser apanhado desprevenido se tiver a tentação de confundir os calores do verão andaluz com a mais fria realidade primaveril da sua capital.

Bom, leitores, nada de mal-entendidos: não é lá por o tempo estar chuvoso e frio, o que aliás é natural no mês de março, que podemos atribuir qualquer frieza de caráter, seja à bela cidade de Sevilha, seja aos seus habitantes, independentemente do género.

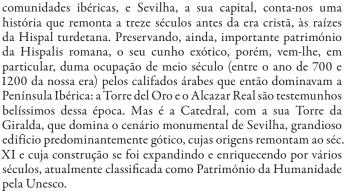
A Andaluzia é, do ponto de vista monumental, talvez a mais exótica das











Serpenteando ao longo do Guadalquivir (coroado, desde a exposição mundial de 1992, com a bela Ponte do Alamillo, de Santiago Calatrava), Sevilha oferece-nos, sobretudo, uma perfeita leitura da sobreposição das suas várias culturas passadas, resultando em obras de extrema beleza e exotismo, como a Casa de Pilatos, o Palácio de Lebrija, o Mosteiro de San Isidoro, ou o Alcazar da Porta de Sevilha – todos eles de visita absolutamente indispensável.

Se quiséssemos falar de nomes ilustres... que dizer, se aqui nasceram Trajano e Adriano, imperadores de Roma, pintores como Velásquez e Murillo, e se por aqui vagueou o legendário D. Juan que inspirou Mozart como Cármen inspirou Bizet?

Quanto às gentes sevilhanas, dificilmente encontraremos entre os





povos europeus quem viva tão intensamente como o povo andaluz. E, se o calor do verão vinha ainda distante nesta primavera de Sevilha, as suas gentes brindaram-nos com um calor humano e um "savoir vivre" que largamente compensaram as horas de avião a partir deste Porto, tão perto e, às vezes, tão distante.



I don't know if among the hundreds of participants in the 7th Annual GALA Conference, which took place in Seville last March, somebody took the gypsy Carmen on their laptop, their iPad, their phone, or most improbably of all, in their thinking. I confess I didn't do so myself.

It's not that I'm indifferent to the beauty that Bizet afforded to the opera inspired on the dramatic plot of Mérimée's novella, which 19th-century readers fell in love with and which has to a certain extent made the worker of a tobacco factory an icon of Seville.

Prosaically, however, I have to admit that it was another sphere of thought that transported me to Seville. To begin with, the transport itself. The time separating my arrival at the airport and touching down in Seville, with a long wait to board in the middle, was no less than six hours! It's safe to say that it wasn't the most pleasing of introductions to the beautiful capital city of Andalusia. It's the price to pay for not wanting to embark on two long and lonely 600 km hauls holding onto the steering wheel.

0

And then the weather was also not the most inviting and not what I was expecting. I have to say that, just like the gypsy Carmen may influence the image first-time visitors have of Andalusian women in their mind's eye, excessively I would say, given the big leap between the operatic setting and the reality, imprudent visitors can also be caught by surprise if they confuse the hot Andalusian summer with the cold reality of the region's capital in spring.

Well, dear readers, please do not misunderstand me: it is not because of rainy and cold weather, which is after all only natural in the month of March, that we can attribute any coldness of character either to the beautiful city of Seville or its habitants, regardless of their gender.

Andalusia, as far as its monuments go, is perhaps the most exotic of the Iberian communities and Seville, its capital, tells us a story that dates back to thirteen centuries before Christ, to the roots of the Hispal Turdetani. Although significant remnants of the Roman Hispalis are still standing, its exotic nature is conferred in particular by an occupation that lasted half a millennium (between 700 and 1200 of our era) by the Arab Caliphates that ruled the Iberian Peninsula at the time:

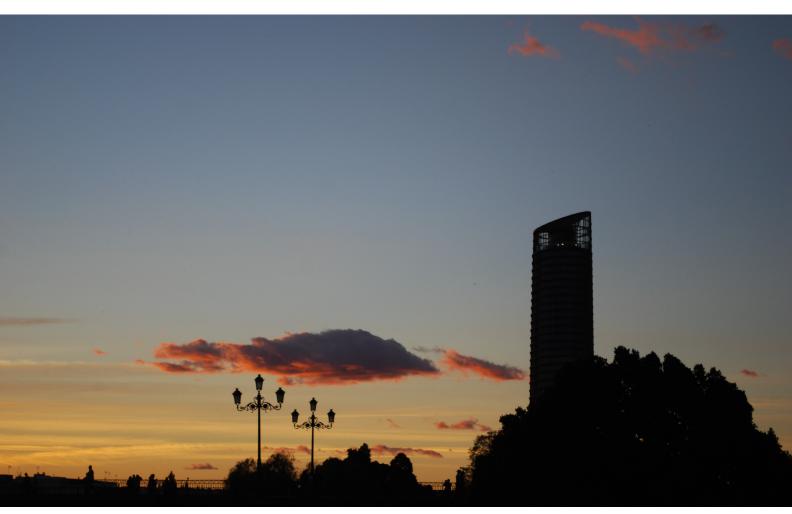
The Torre del Oro and the Alcazar Real are magnificent testaments of this epoch. But it is the Cathedral, with its *Torre La Giralda*, that dominates the architectural landscape of Seville, a grandiose predominantly gothic building that dates back to the 11th century, and the construction of which was expanded and enriched over several centuries, and which is today listed as a UNESCO World Heritage Site.

Winding alongside the River Guadalquivir (adorned since the 1992 World Expo with the beautiful Alamillo Bridge, designed by Santiago Calatrava), Seville offers us above all else a perfect reading of the overlapping of its various past cultures, resulting in works of extreme beauty and exoticism, such as the Casa de Pilatos, the Palacio de Lebrija, the Monasterio de San Isidoro del Campo, and the Alcazar de la Puerta de Sevilha – all of which are must-visit sites.

If we want to talk about illustrious names associated with Seville, how about starting with the fact that it is the birthplace of the Roman Emperors Trajan and Hadrian, as well as painters such as Velazquez and Murillo, and it was here that the legendary Don Juan went on his philandering, who inspired Mozart like Carmen inspired Bizet.

As for Seville's inhabitants, it is difficult to find peoples who live as intensely as the Andalusian population in the whole of Europe. And, while the heat of summer was still far away in this Seville spring, the city's people welcomed us with human warmth and a "savoir vivre" that more than made up for the hours spent since setting foot in the airport in Porto, so near yet at times so far away.







Esperamos que tenha gostado. Voltamos em setembro. Hope you have enjoyed. We will be back in September.